

JORNAL DO COMMERCIO

PROPRIEDADE DE J. S. CASCAES & C.

SANTA CATARINA

ASSIGNATURA

Trimestre (capital)..... 3\$000
» (pelo correio)..... 4\$000

Avulso 40 rs.

As assignaturas poderão começar em qualquer tempo, mas terminam sempre em março, junho, setembro ou dezembro.

ANNO II

Sexta-feira 13 de Abril de 1881

Num. 77

Em consequencia de estarem hoje e amanhã fechadas as nossas officinas não será publicado o *Jornal do Commercio* amanhã e depois.

Realisa-se hoje a condemnação do Justo.

A igreja vae cobrir-se de crepe, os sinos deixarão de annunciar aos fiéis a hora da oração, a terra tremerá de espanto, e os corações piedosos se encherão de amarguras.

A historia de Christo é a verdadeira historia do homem virtuoso.

O fim do reformador, quando tem em vista os costumes, as normas do direito e do dever, a paz e tranquillidade da consciencia, é um fim nobre, grande e sublime.

A despeito de intrigas, não obstante mil e mais contrariedades, segue seu destino, procura por todos os meios plantar os principios que tem em mente tornal-os uma realidade.

E' o sol que tem nuvens que por momentos enpanão seu esplendor, porém que cada vez reapparece mais bello e mais seductor.

E' a flor dos valles celestes que sempre perfuma.

E' o riso da alvorada que encanta a natureza.

E' o manto de esperanças raras vezes empanadas.

E' o bem em toda sua luz, embora por instantes vedado de produzir seus encantos.

E' a força do raciocinio na luta do espirito contra a materia, da verdade contra o erro, da luz contra as trevas.

Jesus Christo teve um fim nobre e grandioso, o fim da doutrina, o fim da lição, da moral, do justo, dos costumes, do honesto.

Foi o propagador de verdadeiras idéas, de idéas dignas da humanidade.

O seculo porém, não quiz admitir a grandeza da sua palavra, e... condemnou-o.

Condennou-o á morte, á morte affrontosa, á morte de Cruz.

Chamãrão-lhe falsario á doutrina de Cezar!

Ignorantes!... mil vezes ignorantes!...

Pregava elle o dominio do povo, e que-rieis o dominio do rei!

Nascido em um casebre, com o sello do ge-

nio, tocando a fronte nas grandezas eternas, irmão do infeliz, conchegado aos pobres, dictando uma doutrina de paz, de amor e concordia, o que mais querieis para a reforma dos vossos destinos?..

Em que um rei excéde á intelligencia?

Fanaticos, obstinados, vis escravos do rei, a posteridade vos amaldiçoa!

Condennado!..condenado o Christo, o filho da luz, a propria luz, o reflexo do céu!..

Os vivos de domingo são hoje substituidos pelos clamoros da plebe, sem motivo enfurecido.

Hontem, applausos, mil hosannas em louvor do que vinha em nome do céu.

Hoje, condemnação, opprobrios, alaridos da plebe, insultos e morte affrontosa.

Este é o quadro do mundo, é a vida soffredora de todo aquelle que vem em nome do céu espalhar uma doutrina contraria á doutrina dos Cesares.

FOLHETIM

50

JULIO SANDEAU

MAGDALENA

VERSAO
DE

ALFREDO CAMPOS
XIV

Como pomba mortalmente ferida na aza, quando descuidosa fendia a amplidão, cahiu pesadamente no solo da realidade.

Desgraçado!

Amava quando era tarde; batia, fóra de horas, ás portas do Paraizo; entrevia a felicidade no momento de dizer-lhe um eterno adeus!

A sua natureza violenta reanimou-se, todavia, ainda uma ultima vez. Vingou-se em imprecações de ciúme contra sir Eduardo, que lhe escurecia a vida, e, no meio dos espinhos da sua dor, apenas poupou Magdalena.

Recordava-se da posição de sua prima nos ultimos dias; via-a sorrindo ao fidalgo inglez, que a envolvia no seu olhar, e sentia no

peito as picadas venenosas de todas as hydras do inferno. Nem sequer tinha a consolação de pensar que talvez estivesse exaggerando. Quando mesmo não tivesse observado na prima e sir Eduardo; quando mesmo não tivesse seguido com olhar inquieto o progresso da mutua paixão dos dois, bastaria a doença, o mau estar que o affligia, para já o ter advinhado. O martyrio que estava soffrendo, agora, ainda mais alto lhe gritava que Magdalena amava o fidalgo inglez.

Andava, pois, passeando pelo quarto, quando subitamente se deteve, vergenhoso do seu arrebatamento. Cahia em si e cörou de confusão.

—De que te queixas, miseravel? exclamou elle curvando a cabeça. Mal lavado ainda da lama, em que arrastaste a mocidade, choras o não ser amado, indignas-te vendo que te despresam por um coração nobre, virtuoso, immaculado, e tao consciencioso que nunca um momento se desviou do bom caminho! Que fizeste, que tens feito para mereceres a ternura que hoje avulta

nos teus olhos como o supremo bem? Ha mais de dois annos que tens tido este thesouro ao pé de ti, e que fizeste para te tornares digno d'elle? Não o apreciaste, calcaste-o aos pés, desdenhaste d'elle, e agora revoltas-te com a ideia de que um outro o possue? Para premio dos ultrages com que a cobriste, não basta que a adoravel creatura que Deus collocou debaixo da tua guarda, te arrancasse do fundo do abysmo, onde havias cahido, que lavasse com balsamo salutar as chagas da tua alma, e te abrisse, diante de ti, um sem numero de atalhos abençoados? Para recompensa das cobardes affrontas que lhe prodigalisaste, da tua dureza, do teu infame procedimento, parece-te que não seria muito o seu amor? Ah! calla-te, occulta-te na tua sombra, e agradece ao céu a graça que te concedeu de ainda poderes amar!

Nunca Mauricio chorou tao amargamente as faltas e os desvarios do seu passado; nunca respondeu com lagrimas tao acres e tao ardentes ás recordações das suas locuras; nunca fóra tao es-

treitamente apertado pelo remorso dos seus dias mal vividos! Media, pela primeira vez, a extensão da sua ruina; a alma abria-se-lhe, enfim, ao sentimento da felicidade, que tivera nas mãos e que deixara escapar!

—Agora, dizia elle, se eu tivesse seguido, como sir Eduardo, a linha inflexivel do dever, estaria á sombra do tecto de meus paes, ao lado de Magdalena, que talvez podesse amar-me, porque eu me conservaria digno do seu amor.

O verdadeiro amor é sempre humilde, resignado e prompto para todos os sacrificios.

Que podia offerecer Mauricio a sua prima? Apesar de sua coragem e da sua perseverança; apesar da fama que gosavam as suas obras, embora essa fama não fosse perecivel, só poderia offerecer-lhe uma existencia má e limitada. Esposando sir Eduardo, Magdalena occuparia na sociedade o logar que lhe pertencia, e que ella nunca devera ter deixado.

VERSOS

Escreptos e recitados por ocasião da exposição dos trabalhos da aula de desenho, dirigida pelo talentoso artista o illm. sr. Manoel Francisco das Oliveiras Margarida, á 10 de Abril de 1881 e offerecidos aos seus alumnos, com especialidade aos srs. Manoel Antonio Laureano, Horacio de Carvalho, Juvenio de Araujo e José Francisco Pacheco Junior.

Admirai Carrara, Canova, Raphael, Murillo, Mozart e Verdi e te-reis as sublimes, mais que sublimes, as divinas encarnações da arte!

(Do AUCTOR)

Bravo prôle beindita,
Pois á gloria infinita
O lutar vos conduz!
E' assim—trabalhando
Sempre e sempre estudando
Que se alcança mais luz!

Contemplai estas flôres
Estes tantos louvores
Contemplai o painel!
Repetindo orgulhosos
Estes feitos briçosos
São d'um bello pincel!

Eia, jovens, avante!
Ser artista é brilhante,
Trabalhar é uma lei!
Não são só os c'rôados
Que merecem em brados
Ter as honras de rei!

O artista quer pobre
E' tão rico, é tão nobre
Qual patente cezar!
E a gloria bem cêdo
Lhe murmura o segredo—
—E's artista—é sem par!

Não temais os pampeiros
Sois gentis brasileiros
Deveis pois progredir!
Quem vos traça na historia
Vossa augusta memoria
E' um deus—o Porvir!

Levantai-vos potentes
Altanados, ingentes
E fazei-vos Chrysêus!
Só quem pôde vergar-vos
O pensar abumbrar-vos
Mais ninguém—é só Deus!

Não fiquéis ignavos
Que o fucturo dá bravos
Vos dizendo—estudai!
Sois humanos—portanto
Se ha de trêvas um manto
Appressai-vos, rasgai!

Nossa patria querida
Necessita mais vida,
Necessita crescer!
E' preciso comtudo
Que tenhais como escudo
Quem vos mostra o saber!

E de obreiros altivos
Que sereis redivivos
Que sereis immortaes!
Achareis vossos nomes,
Vossos grandes renomes
Nas mansões divinaes!

Perdoai-me estas flôres
Que tão murchas, sem côres
Nada pôdem valer!
São offêrtas sincêras
Arrancadas devêras
Para vir vos trazer!
Palinúros—á frente
Esse trilho é ridente
Dá-vos honra, louvor!

Quem o braço vos guia
Nunca, nunca intibia—
—E' artista..... e pintor!

E' a vos á quem fallo
E se hoje eu não calo
Estas vãs expressões!
E' que a louca alegria
Em minh'alma irradia
Com fulgentes clarões!

O trabalho ennobrece
Glorifica, engrandee
Aos artistas qual vós!
Que zombando da sorte
Tem a têla por norte
Os pincéis por pharões!

Eia! nessa carreira
Qual a não sobranceira
Indo o mar á fender!
Quando ha negros abrólhos,
Mil cachópos, escólhos
E' mais bello o vencer!

Se o lutar é dos grandes
Que são gemeos dos Andes
Que não sabem tombar!
Colhereis summa gloria
Mais suprema memoria,
Trabalhando á lutar!

Deus, o Deus sublimado
Disse ao homem n'um brado,
Da sidêrea mansão!
—Vae depressa arrimar-te
Aos arcanos da arte,
Que terás um bordão!

Onde ha braços d'artista
E' seu ponto de vista,
Decepar escarcêus!
E seu gladio seguro
Vae cavar o fucturo
Vae rasgar negro véos!

E lá quando os vindouros
Vos c'roarem de louros
Vos erguerem docel!
Bradarão altaneiros—
—Exultai brasileiros,
Resurgio Raphael!

Não temais os insanos,
Insensatos humanos
Bajulantes e mãos!
Trabalhai muito embora!
Hade vir uma aurora
P'ra arrancar-os do cháos!

Away estudantes
Sois vergonteados pujantes
A' lauréis tendes jus!
Caminhai com coragem,
Qu'esta é a romagem
Dos apost'los da luz!!!.

Desterro, 9 de Abril de 1881.

JOÃO DA CRUZ E SOUZA.

Da côrte chegou hontem o paquete nacional *Rio Grande*.

Fallecera alli á 10 do corrente o commendador Felix Emilio Taunay, pai do illustrado dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay.

MINISTRO DA FAZENDA

Expediu-se a seguinte circular:

Circular n. 18.—Ministerio dos negocios da fazenda.—Rio de Janeiro, em 29 de Março de 1881.

José Antonio Saraiva, presidente do tribunal do thesouro nacional, tendo conhecimento de que algumas thesourarias de fazenda não remettermam ainda os trabalhos de que trataram as circulares n. 53 de 30 de Setembro e n. 56 de 14 de Outubro do anno

passado, e que nem ao menos tem justificado essa falta, ordena aos Srs. inspectores das thesourarias que dêem immediata execução ás ditas circulares, de modo que se achem no thesour os indicados trabalhos com a maior brevidade possível, fazendo-lhes ao mesmo tempo sentir que muito desagradavel se torna a repetição de ordens para conseguir-se que as thesourarias auxiliem pontualmente o thesouro com esses e outros trabalhos, de que dependem os que devem ser presentes á assembléa geral legislativa em epochas certas e determinadas, como não lhes é estranho.

Outrosim, ordena que nos futuros annos sejam executadas com a devida pontualidade as mencionadas circulares, sob pena de fazer-se effectiva a responsabilidade dos ditos Srs. inspectores.—José Antonio Saraiva.

Lê-se no *Diario do Grão-Pará* de 15 do passado:

«O leitor se recorda sem duvida de um importante roubo perpetrado no anno passado no banco rural hypothecario da côrte pelo respectivo caixa João Hayden.

«O criminoso, possuidor de avultada somma, evadiu-se para a Europa, e o banco prometteu 10:000\$ a quem o capturasse.

«Em Lisboa pode João Hayden illudir a vigilancia da policia que, prevenida por telegramma, o esperava e o prendeu; mas taes subterfugios praticou, tantas razões apresentou que foi posto em liberdade.

«Lembrou-se então elle desta vasta região amazonica, onde, em qualquer localidade, podia, ignorado, gosar dos largos proventos do seu crime, tomou passagem para o Pará a bordo do *Lisbonense*, que aqui chegou em 10 do corrente.

«O chefe de policia prevenido anteriormente deu as necessarias providencias para a captura, incumbindo d'ella o activo e zeloso amanuense externo da policia o Sr. João Guilherme dos Reis.

«Este funcionario, depois de muitas diligencias soube que Hayden estava hospedado em uma casa de pasto, que fica no andar terreo do sobrado, á rua de Santo Antonio, onde está installado o consulado portugez.

«Ahi lhe disseram que o criminoso se tinha mudado para a casa de um antigo amigo, o Sr. Manoel Alfredo Ferreira da Cruz; o que o Sr. Reis communicou hontem ao chefe de policia.

«Este encarregou o commandante geral da guarda urbana da prisão, Hayden que foi effectuada em casa do Sr. Cruz.»

São curiosos os seguintes pormenores sobre a origem da imprensa no Brazil:

José Freire Montarroyo Mascarenhas foi o primeiro que introduziu em 1715, o uso dos jornaes ou folhas periodicas, embora desde 1647 ou 1661 apparecessem em Lisboa folhas e gazetas noticiosas e politicas, cujos autores não estão de todo averiguados.

Em meio do seculo passado, um acto do governo portugez mandou destruir a unica imprensa levantada então no Brazil, por Antonio da Fonseca, no Rio de Janeiro, na qual havia sahido com data de 1747 a «relação da entrada que fez o bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malineiro, escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Rosado da Cunha; sabe-se que della tambem sahira, disfarçado com a indicação de *imprensa em Madrid*, o livro de *exame de bombeiros* Antonio da Fonseca era protegido pelos jesuitas.

No fim de 1808, anno em que veio de Portugal para o Rio de Janeiro a familia real, começou a publicar-se a *Gazeta do Rio de Janeiro* e na Bahia a *Idade de Ouro do Bra-*